

Homoerotismo masculino e relações de poder no romance *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan

Frédéric Grieco

Graduado em Letras-Português pela Universidade Federal de Goiás, e mestrando em Estudos Literários pela mesma instituição. Bolsista de mestrado pelo CNPq.

Considerações iniciais

O romance *Em nome do desejo* (1985), publicado originalmente em 1983, de João Silvério Trevisan, narra as memórias do personagem João, com cerca de quarenta anos de idade, sobre o período da juventude em que viveu num Seminário católico, onde era mais conhecido pelos outros seminaristas como Tiquinho, “por ele ser pequeno – um tiquinho de gente” (TREVISAN, 1985, p. 25). Nas memórias do protagonista, a rígida e vigilante disciplina do Regulamento do Seminário, os desejos e as relações homoeróticas e as constantes injúrias sobre as performances de gênero masculino dos e entre os seminaristas são evocados ao longo de toda a narrativa. Os desejos e as relações homosociais e homoeróticas dos seminaristas e dos próprios padres superiores eram sempre incitados, reprimidos, repreendidos, construídos e/ou desconstruídos a partir do Regulamento e das pedagogias disciplinares, da constante vigilância comportamental, das injúrias (verbais, físicas e simbólicas) e dos discursos da pastoral cristã daquele Seminário. Assim sendo, pode-se evidenciar uma série de discursos, saberes, regimentos e dispositivos estruturando rigidamente o disciplinamento dos corpos e as relações de poder entre os seminaristas e os padres superiores dentro do Seminário.

Sendo assim, este artigo objetiva analisar como os dispositivos, os discursos, o disciplinamento dos corpos e as relações de poder presentes no Seminário de *Em nome do desejo* estruturam e moldam os desejos e as relações homosociais e homoeróticas masculinas entre os personagens desse romance. A partir disso, este artigo evidencia como as relações interpessoais, no caso entre seminaristas e padres, constituem-se como relações de poder, hierarquia e saber, estabelecidas através de diversos dispositivos, discursos, pedagogias e mecanismos disciplinares. Para isso, esta análise se embasa teoricamente nas obras *Vigiar e punir* (1996), *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (2015) e *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (2014), de Michel Foucault. Além das proposições teóricas sobre disciplinamento dos corpos, dispositivos, mecanismos e relações de poder, advindos dos estudos de Michel Foucault, este artigo também se embasa teoricamente em Didier Eribon (2008), Julia Kristeva (1982), Georges Bataille

(2014), Giorgio Agamben (2010), Eve Kosofsky Sedgwick (1985, 2007), entre outros autores.

Para desenvolver essa análise de *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan, primeiramente há uma exposição e reflexão sobre a vigilância comportamental, o dispositivo panóptico, a tecnologia disciplinar dos horários, as punições, as injúrias sobre as performances de gênero masculino desviantes das normatizações sexistas/ machistas/ patriarcalistas, o dispositivo do armário e a docilização dos corpos. Depois, discorre-se sobre os mecanismos de poder e saber do exame e da confissão, assim como sobre os espaços de homosociabilidade masculina no Seminário. Por fim, discute-se sobre os interditos disciplinares e as transgressões homoeróticas dentro do Seminário, sobre a formação de uma subjetividade gay numa sociedade patriarcalista e homófoba; e, a seguir, são feitas algumas considerações finais.

Vigiar, punir, injuriar e disciplinar os corpos

Na obra literária *Em nome do desejo*, o Seminário é o espaço no qual se desenvolve quase todo o enredo, estabelecendo-se a maior parte das relações entre os personagens. É um espaço restrito à sociabilidade masculina, com raras exceções. O Seminário é, portanto, um espaço de homosociabilidade masculina no qual as relações são desenvolvidas e estabelecidas através de um rígido Regulamento, de uma constante e analítica vigilância comportamental, de dispositivos, de discursos e de pedagogias disciplinares.

É possível evidenciar vários dispositivos presentes nas (micro e macro) relações de poder estabelecidas entre os muros do Seminário, sendo as microrrelações de poder aquelas estabelecidas entre os próprios seminaristas, e as macrorrelações de poder aquelas exercidas pelos padres superiores sobre os seminaristas. Quanto à palavra “dispositivo”, trata-se de

um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault. Ele o usa com frequência, sobretudo a partir da metade dos anos setenta, quando começa a se ocupar daquilo que chamava de “governabilidade” ou de “governo dos homens”. [...] É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos [...], [tendo] sempre uma função estratégica concreta e se inscreve[ndo] sempre numa relação de poder [...] [e] como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber (AGAMBEN, 2010, p. 27-29).

Um dos principais dispositivos presentes no Seminário refere-se ao dispositivo panóptico. Michel Foucault denomina, em *Vigiar e punir* (1996), a incessante e onipresente vigilância disciplinar de panoptismo, fazendo referência ao panóptico de Bentham, que é uma figura arquitetural penitenciária que visa estabelecer uma constante

vigilância comportamental e disciplinar sobre os detentos, organizando

unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. [...] Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. [...] Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder devia ser visível e verificável. Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a silhueta da torre central de onde é espionado. Verificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo (FOUCAULT, 1996, p. 177-178).

Por ser uma figura arquitetônica marcada profundamente pela vigilância, o Seminário de *Em nome do desejo* (TREVISAN, 1985) pode ser considerado como uma instituição panóptica, afinal trata-se de um espaço em que o dispositivo panóptico tem um papel basilar, uma vez que os horários, os comportamentos e as relações estabelecidas entre os seminaristas eram sempre vigiadas e reguladas pelos padres superiores, e entre os próprios seminaristas.

Assim, os desvios disciplinares e comportamentais eram sempre passíveis de castigos, injúrias e até mesmo expulsões do Seminário, numa incessante e potencial relação entre vigiar e punir:

– O que mereciam os pecadores ou faltosos?

– Punições. Pelo catecismo, logo após a Morte seguia-se o Juízo Particular, pois o Universal só ocorreria no Final dos Tempos. Conforme o julgamento, havia o Céu ou o Inferno, por toda a eternidade. Mas antes da Morte, já havia, ali mesmo no Seminário, muitas punições, que ainda não eram eternas mas nem por isso menos chatas. Sair fora da fila dava castigo. Chutar pedrinha enquanto se andava na fila dava castigo, assim como cochichar com o vizinho da frente ou atrás. Castigava-se com a “parede”, com suspensões, com retiros obrigatórios, com a incomunicabilidade e, em casos graves ou reincidências, com a expulsão.

[...]

– Havia muitos casos de expulsão?

– Muitos. Pelas mais diversas razões. Um menino dos Maiores foi expulso por beber meia garrafa de vinho de missa, quando cumpria o cargo de sacristão. Outro, porque fumava escondido. Outro, porque estava lendo *Os miseráveis*. Dois foram expulsos por trocarem um beijo, na rouparia. Vários por manterem insistentes amizades particulares. E houve a célebre Inquisição dos Doze, que durou dez dias e resultou na expulsão de doze meninos – por gravíssimo delito coletivo contra a santa castidade (TREVISAN, 1985, p. 33-34).

Como se evidencia no trecho citado, quaisquer desvios disciplinares no Seminário eram também considerados como faltas pecaminosas, o que fazia com que muitas vezes os seminaristas introjetassem a correspondência entre faltas disciplinares e o ato de pecar. Assim sendo, os seminaristas não eram só vigiados pelos padres superiores,

mas também pelas suas próprias consciências, temendo tornarem-se pecadores. Nesse ponto, o dispositivo panóptico atinge seu ápice, ao ser também uma vigilância temerosa do indivíduo em relação a ele próprio. Além disso, esse dispositivo se reforça constitutivamente à medida que o indivíduo introjeta a ideia, amplamente difundida no discurso da pastoral cristã, de um Deus onipresente, onisciente e onipotente, ou seja, de uma divina autoridade suprema que é incessantemente vigilante e potencialmente recompensadora ou punitiva. A noção de pecado, a noção do que deve ou não deve ser feito, faz parte basilar do discurso moral no imaginário católico e bíblico. Sobre a moralidade e a sujeição do indivíduo a esse mecanismo discursivo de poder e saber, Foucault diz, na sua *História da sexualidade 2* (2014, p. 36), que,

em suma, para ser dita “moral” uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas ela implica também uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si enquanto “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controlar-se, pôe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.

Após a chegada dos novos padres superiores, do reitor Augusto e do diretor espiritual Marinho, houve um relativo abrandamento disciplinar no Seminário. Entretanto, ele continuou sendo uma rígida instituição disciplinar e panóptica. A vigilância disciplinar não cessava dentro desse espaço homosocial masculino. Aliás, ela até mesmo se intensifica, tornando-se ainda mais hierarquizada. Vale ressaltar a relação intrínseca entre vigilância e hierarquia, na qual a hierarquia é uma parte fundamentalmente constitutiva do panoptismo, uma vez que as diferentes posições de poder implicam diferentes posições de vigilância. Segundo Foucault (1996, p. 158),

o poder disciplinar, graças a ela [a vigilância hierarquizada, contínua e funcional], torna-se um sistema “integrado”, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede “sustenta” o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder da vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um “chefe”, é o aparelho inteiro que produz “poder” e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo.

Por isso, a vigilância hierarquizada, e, portanto, o dispositivo panóptico, não funciona apenas a partir da vigilância dos padres superiores em relação aos seminaris-

tas, mas também como uma vigilância entre os próprios padres superiores, dos seminaristas em relação ao comportamento dos padres superiores, e dos seminaristas em relação aos outros seminaristas, como é demonstrado no seguinte trecho de *Em nome do desejo*:

Como naquele recinto fechado vivia-se a paixão em florescência, estabeleceu-se entre os Maiores uma verdadeira competição sem regras. Para conseguir os favores do Reitor, os adolescentes chegavam a se denunciar uns aos outros. Era o caso do rapazinho chamado Beizola (chorava por qualquer motivo) que fazia listinhas das faltas cometidas pelos colegas, a fim de entregá-las ao Reitor. Tratava-se de um verdadeiro surto epidêmico em que eles próprios passaram a controlar a disciplina, já que todos vigiavam todos – excetuando-se os grupos de amigos (TREVISAN, 1985, p. 75).

O dispositivo panóptico por sua vez se relaciona intrinsecamente com outros dispositivos, discursos e tecnologias disciplinares no Seminário: trata-se, pois, de uma rede complexa de dispositivos, discursos e tecnologias disciplinares que se entrelaçam constitutiva e fortemente entre si, estruturando todas as relações de poder, hierarquia e saber entre os indivíduos naquela instituição, disciplinando os corpos, moldando as subjetividades. Coatuando com o dispositivo panóptico, encontra-se o disciplinamento tecnológico pelos horários. Segundo Foucault (1996, p. 138-140), para que a disciplina funcione, “importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis”, afinal, “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder”. Por isso, os horários são rigidamente preestabelecidos e devem ser seguidos com rigor pelos seminaristas:

– Como era a vida cotidiana desses eleitos, em termos de horário?

– Mais ou menos assim: levantavam-se às 5 e meia, durante a semana (uma hora mais tarde, nos domingos). Às 6 horas, iam todos para a capela, onde rezava-se a oração da manhã, depois fazia-se meditação coletiva, seguida de missa e uma pequena ação de graças. Às 7 e meia, desjejum no refeitório – café com leite, pão com manteiga. Às 8 horas, início das aulas, que duravam até às 11:55, com um intervalo de dez minutos às 9:50 para um lanche rápido no recreio (pão e banana). Ao meio-dia, almoço, seguido de breve Visita ao Santíssimo, na capela. Às 12:30 começavam os trabalhos comunitários obrigatórios: limpeza da casa, do chiqueiro e galinheiro; plantio, capina e colheita na horta; e concertos de material esportivo. Às 13:30, primeiro horário de estudo, que era obrigatório. Às 14:30, recreio para lanche rápido (pão ou bolo, também chamado de bolota, em alusão à sua massa quase crua). Às 15 horas, um grupo ia alternadamente para o estudo-obrigatório mais longo, enquanto o outro ia jogar futebol; às segundas, quartas e sextas, eram os Maiores que jogavam; às terças, quintas e sábados, os Menores; somente aos domingos havia futebol para os dois grupos, em horários diferentes; os que não gostavam de futebol podiam jogar um arremedo de tênis ou vôlei – este, predileto do grupo de mariquinhas e, portanto, tido como esporte menor. Às 17:30, jantava-se e se rezava o Angelus, coletivamente, no próprio refeitório. Às 18 horas, recreio obrigatório; duas vezes por semana havia brincadeiras também obrigatórias, separadamente para Maiores e Menores; aí acontecia o famoso “jogo do garrafão”, terror dos fracos e oprimidos. Às 19 horas, extenuados pelo jogo, os alunos rezavam o terço, em grupos ou

não; somente aos sábados é que o terço era rezado rigorosamente em latim, com toda a comunidade caminhando pelo pátio, em quatro filas paralelas, para frente e para trás, numa coreografia que, dentro do contexto, bem se poderia chamar de sagrada: Pater Noster para frente, Ave Maria gratia plena para trás, depois para frente, depois para trás e frente e trás, até terminar a dezena e chegar ao Pater Noster seguinte, que iniciava outra dezena de Ave Marias; eram já sonolentos os números, movimentos e vozes, cujo latim fazia remontar a distantes, indeterminadas épocas da cristandade. Às 19:30 subia-se novamente para um período de estudo-obrigatório. Às 20:30, a comunidade dirigia-se à capela, onde se rezava a oração da noite; logo a seguir, tomava-se chá no próprio corredor e entrava-se para os lavatórios, onde se dispunha de dez minutos para as abluções noturnas. Às 21 horas, as luzes se apagavam impreterivelmente e dormia-se. Para os Maiores, entretanto, havia um horário opcional de estudo até às 22 horas, já de pijama (TREVISAN, 1985, p. 29-31).

Para que a tecnologia disciplinar dos horários funcionasse, assim como as demais regras comportamentais às quais os seminaristas deveriam se submeter, era preciso que o dispositivo panóptico atuasse incessantemente, era preciso vigiar sempre, recompensando os “corpos dóceis” (FOUCAULT, 1996, p. 126-127), os indivíduos disciplinados, e punindo todos aqueles que se afastassem das normas, que não eram seminaristas dóceis, pouco submissos aos mecanismos de adestramento disciplinar. De acordo com Cláudio Lúcio Mendes (2006, p. 171), em seu artigo “O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo”,

a disciplina vem tornar o corpo mais eficiente e mais dócil, e vice-versa. Estipula o que pode fazer e o que não deve fazer. Com base em tecnologias disciplinares, constrói-se uma “anatomia política” para melhor competência do corpo, diretamente ligada a maior enquadramento. Assim, desenvolvem-se formas para aperfeiçoar as forças corporais (pois as tornam mais econômicas) e igualmente para diminuí-las (naqueles momentos em que poderia desenvolver forças para transgredir a disciplina). Em outras palavras, com o poder disciplinar produz-se, sempre, algum tipo de exercício sobre o corpo.

Como já foi dito, o dispositivo panóptico não era exercido somente por uma vigilância disciplinar dos padres superiores sobre os seminaristas, mas também por uma vigilância comportamental entre os próprios alunos. Essa vigilância comportamental entre os seminaristas, na maioria das vezes, consistia numa normatização patriarcalista das performances do gênero masculino, na qual havia a valorização das performances ditas como “viris”, e o menosprezo pelas performances ditas como “afeminadas”. Dessa forma, todos aqueles seminaristas que se distanciavam das performances concebidas como “viris” de “homens com H maiúsculo”, de “homens machos”, como dizia frequentemente o padre reitor Augusto (TREVISAN, 1985, p. 80), eram nomeados de “mariquinhas” ou “frescos”, sendo injuriados (verbal, física e/ou simbolicamente) pelos outros seminaristas que se enquadravam nas performances consideradas como realmente “masculinas”. O momento em que tais injúrias se manifestavam mais concreta e violentamente era através do “jogo do garrafão” (TREVISAN, 1985, p. 40-41) feito entre os alunos, injuriando e punindo os seminaristas considerados “mariquinhas”

e/ou “frescos”.

Essa injúria verbal, física e/ou simbólica refere-se constitutivamente a uma injúria de caráter patriarcalista, machista e sexista, já que é, antes de tudo, uma injúria por normatização distintiva dos gêneros masculino e feminino, existindo uma inferiorização do feminino em relação ao masculino. Observa-se, assim, uma relação intrínseca entre a manutenção das instituições e das relações patriarcalistas, a homofobia e a inferiorização machista/sexista do feminino (SEDGWICK, 1985, p. 3). Por isso, o não enquadramento, a não docilização, às normas e às idealizações regulatórias destinadas ao “sexo” (masculino) que “trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual” (BUTLER, 2010, p. 154), implica uma inferiorização e abjeção, a partir de uma perspectiva patriarcalista/machista/sexista, desses corpos indóceis, indisciplinados, que “não pesam”, que “não importam”, por não estarem enquadrados às normas e aos discursos preestabelecidos.

Portanto, as injúrias sobre os seminaristas nomeados como “mariquinhas” e/ou “frescos” se constituem e resultam numa abjeção pelo não enquadramento às normas performáticas preestabelecidas, sócio-histórico-culturalmente, ao gênero masculino. No seguinte trecho do romance, evidencia-se o que caracterizava, pejorativamente, no Seminário, um seminarista como um “mariquinha”:

– Quais seriam as características de um mariquinha?

– Fundamentalmente duas: não jogar futebol e tomar banho diariamente. Como os dias de futebol se revezavam entre Maiores e Menores, os jogadores só se banhavam a cada dois dias; de modo que havia uma relação direta entre o excesso de banhos e a escassez de aptidão para o futebol ou, ao contrário, entre a prática do futebol e o banho exclusivamente como necessidade. Tiravam-se daí conclusões de longo alcance: mariquinha era quem usava talco, porque homem de verdade cheirava a suor; aliás, homem devia “ter cheiro de porra” – entendendo-se, por essa atropelada conclusão, que o acúmulo de sebo debaixo do prepúcio significava quantidade generosa de esperma e, portanto, de virilidade. [...] A essas características, acresciam-se outras, suficientes mas não indispensáveis, para configurar um mariquinha: jogar vôlei, emitir gritinhos de susto ou surpresa, ter horror ao jogo do garrafão e gesticular de um modo um pouco esvoaçante. Aliás, foi justamente a partir dessa última característica que o grupo de Tiquinho passou a ser conhecido como a “Passarada” (nome maliciosamente reinterpretado, pelos mais afoitos, como a “Bicharada”). [...]

– O que os aproximava, afinal, e os tornava tão coesos?

– O fato de viverem inapelavelmente apaixonados por outros colegas. Seus assuntos prediletos e seus segredos maiores giravam em torno dessas paixões às vezes passageiras, às vezes devastadoras. Tratava-se, indiscutivelmente, de um grupo de pequenos estetas, a julgar pelo refinamento de seus gostos em matéria de roupa, de beleza masculina, de música popular ou clássica e até mesmo no cuidado com que rezavam e pediam perdão por seus pecados. Podia-se dizer que viviam crucificados entre o apelo de Deus e a beleza dos homens (TREVISAN, 1985, p. 50-51).

De acordo com Julia Kristeva (1982, p. 4), o que causa a abjeção é aquilo que perturba a identidade, o sistema e a ordem preestabelecida, não respeitando limites, regras, posições e imposições. Essas injúrias entre os seminaristas seriam o estabelecimento de microrrelações de poder dos alunos considerados “homens machos” sobre aqueles que eram considerados “homens afeminados”, numa perspectiva patriarcal, na qual o “masculino” é considerado superior ao “feminino”.

Para tentar driblar a abjeção, a injúria e a vigilância comportamental e disciplinar em relação aos desvios das normas performáticas de “masculinidade”, vários seminaristas, como Tiquinho, às vezes tentavam se enquadrar ou disfarçar sua identidade gay, considerada como uma identidade de “mariquinha” e de “fresco”, que era inferiorizada, abjetada e injuriada. Tratava-se da tentativa de se esconder num “armário social de vidro”, uma vez que era impossível esconder e disfarçar totalmente dos demais o seu não enquadramento às normas performáticas daquilo que era considerado como “masculino”. Trata-se, pois, como destaca Eve Kosofsky Sedgwick (2007), do dispositivo do armário, que é um mecanismo de sobrevivência gay numa sociedade marcada profundamente pela injúria e pela abjeção a todos aqueles que se distanciam das normas socioculturais e dos discursos hegemônicos. Mas, ao mesmo tempo, o “armário” é também o “lugar” social no qual os gays são frequentemente forçados a se trancar, não podendo expor abertamente seus desejos, sua sexualidade, sua identidade, sua subjetividade. Por isso, os seminaristas que formavam casais de namorados “não ousavam se chamar assim”, sendo tais relações consideradas “amizades particulares” (TREVISAN, 1985, p. 56), que eram proibidas pelo Regulamento, o que demonstra a marginalização e a hipocrisia em torno das relações homoafetivas e/ou homoeróticas não só dentro dos muros disciplinares e panópticos do Seminário, mas também na sociedade como um todo.

Além do dispositivo do armário, outra forma de sobrevivência e resiliência dos seminaristas considerados “mariquinhas” e/ou “frescos” era através do estabelecimento de amizades com outros seminaristas também injuriados. O grupo conhecido como “Passarada”, do qual Tiquinho fazia parte, é um exemplo disso. Didier Eribon (2008, p. 38), assim como Michel Foucault (1981), ressalta a importância da amizade como modo de vida (e sobrevivência) gay dentro de uma sociedade patriarcalista, heteronormativa e homófoba.

O exame, a confissão e os espaços de homosociabilidade

A vigilância dos corpos também ocorre através dos mecanismos da confissão e do exame. Através desses mecanismos de poder e saber se analisavam e se vigiavam os corpos, as mentes, as almas e os desejos dos seminaristas. Para Foucault (2015, p. 70-71), a confissão

foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. [...] Não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como, mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém.

Vale ressaltar que a própria construção da narrativa de *Em nome do desejo* se dá num estilo confessional, típico do imaginário e da doutrina católica, e de um diário de perguntas e respostas feitas pelo próprio protagonista Tiquinho numa “fictícia-terceira-pessoa”: Tiquinho se autoconfessa e, num sentido extratextual, se confessa ao leitor. O protagonista introjeta a atitude confessional como uma possível produtora de saberes e de verdades – verdades sobre suas reminiscências, sobre sua sexualidade, sobre sua vida; verdades que ele tanto procura e deseja encontrar. Em nome do desejo, Tiquinho se confessa a si próprio.

Quanto ao exame, o padre reitor, exercendo macrorrelações de poder sobre os seminaristas, examinava os corpos e a sexualidade deles minuciosamente:

– Como esse cuidado se manifestava?

– Pouco antes do horário de dormir, Padre Augusto convocava os meninos, individualmente, ao seu quarto – no máximo três a cada noite, por ordem alfabética. Aí, mandava que tirassem a roupa e os examinava vigorosamente, para verificar sua saúde e certificar-se de que observavam as regras de higiene que lhes prescrevia. Num desses exames, por exemplo, descobriu uma infecção genital por limpeza deficiente. E, a partir daí, esmerou-se em ensinar os meninos a baixar o prepúcio de seus genitais e a lavá-los com sabonete, sem receio de perderem a virilidade. Fazia tudo isso com extrema objetividade, mas seus gestos profissionais não conseguiam ocultar intenções subjacentes que os alunos mais sensíveis captavam. De modo que não era incomum os exames terminarem em mal-contidas ereções dos pequenos membros alvoroçados pelo contacto tépido e experiente do querido Reitor.

– Haveria algum momento de alvoroço mais explícito da parte do próprio Reitor?

– Não se sabia muita coisa quanto a isso. Era indiscutível – porque indisfarçável – sua atração pelo cheiro de corpos adolescentes. Ele os rondava como um toureiro que baila em torno, farejando com fungadas sutis e acercando-se devagar até dominar hipnoticamente seus objetos de análise, seus contendores ou parceiros de jogo. Cheirava-os como parte do exame, mas não conseguia disfarçar o impulso de paixão que lhe entrava pelas narinas adentro. Quanto aos seus peixinhos, o tratamento devia ser especial. Dizem que os manuseava de maneira mais descontraída e, em certos casos, cobria-os de beijos pequeninos, apenas aparentemente desajeitados, porque era assim que gostava de arrancar vagos gemidos, vagas e eloqüentes provas de sua maestria. Entretanto, nada disso se podia confirmar. Os peixinhos, com raras exceções, guardavam seus segredos como prova de amor. Havia sim muitos cochichos dentro das panelinhas mais ligadas ao Diretor Espiritual. Mas nunca se sabia ao certo onde terminavam os fatos reais entre quatro paredes e onde começavam os acréscimos fantasiosos dos adolescentes preteridos que se roíam de ciúme (TREVISAN, 1985, p. 81-82).

Evidencia-se, nesse trecho do romance, que o exame feito pelos padres superiores sobre os seminaristas referia-se também a uma incitação homoerótica recíproca entre os padres e os alunos. Examinava-se não só para vigiar, docilizar e cuidar higienicamente dos corpos adolescentes dos seminaristas, mas também por um incitante desejo homoerótico dos padres superiores em relação aos corpos dos seminaristas.

No trecho supracitado, também é demonstrada a importância dos espaços de homosociabilidade do Seminário para o estabelecimento de específicas relações entre os padres e os alunos, ou entre os próprios seminaristas. No espaço disciplinar do quarto do Padre Augusto, por exemplo, eram examinados homoeroticamente os corpos dos seminaristas pelo reitor.

O Seminário, como já foi dito, era uma instituição de homosociabilidade masculina; entretanto, cada um dos espaços arquitetônicos dessa instituição estabelecia e/ou propiciava o estabelecimento de certos tipos de relações de poder, disciplina e hierarquização. Nas primeiras páginas do romance de Trevisan é mostrada a planta arquitetônica do Seminário, demonstrando a importância central desse espaço ao longo da narrativa. Observa-se, assim, que

do lado direito [do Seminário] ficam os nichos dos meninos maiores, e à esquerda dos menores. Tanto o campo de futebol quanto o galpão de recreio ficam do lado esquerdo, ou seja, a associação ao mais lúdico fica com as crianças menores; enquanto que a capela, a horta, o galinheiro, e o chiqueiro ficam do lado direito, em uma alusão à maturidade, à oração e ao trabalho (FALCÃO; CAMARGO, 2013, p. 403).

Os quartos de cada um dos padres superiores localizam-se ao lado dos quartos dos seminaristas, permitindo um melhor acesso e possível vigilância dos quartos dos alunos: ao lado do quarto dos Menores, está o quarto do diretor espiritual, e ao lado do quarto dos Maiores, está o quarto do padre reitor. Além da separação do quarto dos alunos mais novos em relação ao quarto dos alunos mais velhos, separava-se também etariamente a rouparia, a enfermaria, as salas de aulas, os salões de estudos e os lavatórios dos menores e dos maiores. Essa disposição e separação arquitetônica e funcional ocorrem porque, numa instituição disciplinar, é sempre necessário organizar, hierarquizar, dividir e separar analiticamente os indivíduos, para melhor vigiá-los, discipliná-los e torná-los corpos dóceis.

O disciplinamento dos corpos e a subjetividade: os interditos e as transgressões homoeróticas

Apesar da constante vigilância, do disciplinamento dos corpos, das injúrias e dos discursos da pastoral cristã, Tiquinho não se submete totalmente, assim como alguns outros seminaristas, a tais mecanismos de adestramento comportamental. O discurso sobre a moralidade, por exemplo, é muitas vezes relativizado por ele, sobretudo a partir do momento em que

o padre [Marinho] falou da tensão existente entre a moralidade do cristianismo e seu aspecto mais místico, justamente porque a mística extravasa as regras morais do cotidiano e ascende a um plano superior [...]. Foi como uma culminação dourada aquilo que Padre Marinho disse, antes de encerrar a Meditação: “É preciso amar a Deus que está

presente no outro. Se todos nos amarmos assim, seremos um grande corpo místico. Seremos tudo em Cristo. Seremos Deus amando-se a si mesmo. Só esse amor radical pode nos salvar da loucura.” Mais tarde, sempre que se perguntava sobre os mistérios do amor explodindo dentro de si, Tiquinho ruminaria essas palavras – para compreender mais e sofrer menos (TREVISAN, 1985, p. 91).

A tensão entre a moralidade, que dita o que deve e o que não deve ser feito, e o misticismo, que ultrapassa em ascese as regras morais, incita, em Tiquinho, uma erotização do sagrado, uma vez que o erotismo sagrado é um sentimento de busca por continuidade, por integração, por religamento pleno com o divino. Segundo Georges Bataille (2014, p. 46), “a experiência mística, na medida em que temos a força de operar uma ruptura de nossa descontinuidade, introduz em nós o sentimento da continuidade”, afinal

somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. [...] Mas essa nostalgia determina em todos os homens as três formas de erotismo [...], a saber, o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, enfim, o erotismo sagrado. [...] nelas, o que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda (BATAILLE, 2014, p. 39).

Nessa erotização do sagrado, Tiquinho passa a humanizar e a homoerotizar os santos, Jesus Cristo e Deus:

Na capela, respirava ao mesmo tempo sacralidade e sensualidade, uma mistura de veneração e entrega, porque tudo eram cores e luzes e aqueles grandes corpos, pintados ou esculpidos, se faziam sentir palpantes, envolventes, dadivosos e até mesmo ansiosos, em algum ponto de sua expressão. Assim, Tiquinho mergulhava na beleza sagrada (TREVISAN, 1985, p. 106).

Além disso, Tiquinho correlaciona, em síntese, o erotismo dos corpos, dos corações e do sagrado, ao amalgamar sua “homoerotização afetiva e sagrada” por Jesus e por Deus com sua atração sexual-afetiva por Abel Rebebel, seminarista pelo qual se apaixona, numa “Santíssima Trindade homoerótica”, extravasando alguns dos limites impostos pelo discurso moral da pastoral cristã:

A Santíssima Trindade é um só Deus unido por um só amor. Esse único Deus habita em todas as partes. Em mim e em Abel também. Como Jesus é Deus, Jesus está em nós. Somos dois mas nos tornamos um por causa da presença de Jesus e seu amor. Eu amo Abel como a mim mesmo e o amor de Jesus é o mesmo dentro de nós. Então nosso amor é uma coisa só. Se eu e Abel não nos amarmos, o amor de Jesus vai ficar incompleto. Mas se nos amarmos, será um amor por toda a eternidade. Unidos amorosamente em Jesus, eu e Abel nunca vamos nos separar (TREVISAN, 1985, p. 139).

Tiquinho também percebe as incoerências do discurso moral da pastoral cristã, que pregava o amor a Deus e aos próximos, mas que, na prática e no Regulamento do Seminário, reprimia e repreendia as “amizades particulares”, ou seja, os relacionamentos afetivo-sexuais entre os seminaristas. Sobre as contradições que frequentemente podem estar presentes num mesmo discurso, como se evidencia nas contradições discursivas da pastoral cristã, Foucault evidencia, na sua *História da sexualidade 1* (2015, p. 109-111), que se deve

conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. [...] Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas.

Vale ressaltar, novamente, a ambiguidade quanto à figura de Deus para Tiquinho: Deus representava para Tiquinho a panóptica onipresença e onisciência disciplinar, uma suprema entidade onipotentemente recompensadora ou punitiva, e, ao mesmo tempo, era considerado como o Criador dos homens que os amava incondicionalmente. Essa ambiguidade da figura mitológica católica de Deus desdobra-se também nas imagens dos padres superiores Augusto e Marinho. Afinal, com a substituição dos velhos padres superiores por padres mais jovens, muitos seminaristas passam a ver os superiores como os diretos representantes carnavais de Deus, sendo eles simultaneamente figuras de vigilância disciplinar e moral, normatividade, punição e homoerotização, como é demonstrado no seguinte excerto do romance:

– Que Deus era esse tão passional?

– Deus eram dois e não três, como geralmente se acredita. Mas nem por isso tratava-se de um ser bicéfalo, como se poderia apressadamente deduzir. Nesse caso, havia duas entidades perfeitamente distintas e até contraditórias que compartilhavam, isso sim, uma única divindade. Aqui, portanto, o drama era coordenado pelos dois novos superiores que chegaram para ocupar os cargos de Reitor e de Diretor Espiritual. O primeiro vestia-se com uma rigorosa batina preta. O segundo preferia trajes mais leves e, durante todo o ano, usava batinas impecavelmente brancas – “transparências para não encobrir a alma”, como às vezes dizia. Em resumo, tratava-se de dois seres belíssimos não apenas em espírito; que reinavam com ar de eternidade; e que criavam todo amor ao redor de si.

– Por que Deus era belíssimo?

– Deus era belíssimo porque ambos resplandeciam, fascinantes e diversos, em todo o vigor de sua juventude. O Diretor Espiritual, que orientava a vida interior dos meninos, era de um loiro suave e transpirava ternura de mãe. O novo Reitor, encarregado de uma vida disciplinar sólida, descendia de portugueses e ostentava aquele moreno sensual dos ibéricos. Quando andava, aliás, lembrava o porte ao mesmo tempo garboso e irrepreensível de um potro de raça (TREVISAN, 1985, p. 70).

Quanto a outras transgressões ao discurso moralista e à disciplina da pastoral cristã, o espaço de homosociabilidade dos lavatórios propiciava uma relativa transgressão ao mecanismo da castidade, fortemente presente, normativizada e exaltada pelo Regulamento do Seminário. Nos lavatórios, os seminaristas diversas vezes masturbavam-se ou até mesmo relacionavam-se sexualmente entre si. Entretanto, não somente nos lavatórios, os seminaristas transgrediam as normas disciplinares, as pedagogias e os dispositivos sobre a sexualidade impostos pela pastoral cristã no Seminário, conforme se verifica no trecho abaixo:

– Namorava-se muito, naqueles tempos?

– Naqueles tempos, namorava-se em todos os quadrantes e posições. Sentados no salão de estudos, na capela, no refeitório, na sala de aulas. Deitados no dormitório, onde os namoros proliferavam em águas perigosas. Em pé enquanto se caminhava na fila, enquanto se rezava o terço noturno, jogava-se futebol ou se assistia aos jogadores, e até mesmo durante o castigo da parede, namorando à distância mas com intensa disposição. Aliás, a insistência dos meninos era tão admirável quanto sua imaginação. Como havia proibições rigorosas contra as amizades particulares, ocorriam soluções brilhantes para as mais magras possibilidades. Namorava-se, por exemplo, na bolaria, onde os esportistas se reuniam para remendar bolas e providenciar consertos vários. Como a bolaria ficava no porão, era possível entre um remendo e outro, aproximar-se do seu predileto e, com sorte, trocar certos toques de sabor indescritível; podia-se também provocar alguma brincadeira-de-mão, em horários de frequência menor; e então se conseguiam até mesmo apalpadelas furtivas que chegavam quase às vias de fato, quando os calções eram baixados, por entre gracejos atrevidos. Na bolaria improvisavam-se concursos de peitos mais peludos, coxas mais grossas e – suprema delícia – membros mais protuberantes; era então que aconteciam desenlaces menos disfarçados, tais como uma ou várias ejaculações incontroláveis, inesquecíveis. Os namoros vicejavam também no horário do estudo das nove às dez da noite, permitido só para os Maiores. Sem a presença dos Prefeitos de Disciplina – geralmente muito cansados para estudar a essa hora –, os alunos que gostavam de ser os mais aplicados aproveitavam-se e mudavam de carteira, de modo a formar pares no salão. Às vezes, havia pares que “iam ao banheiro”, por necessidades fisiológicas meramente coincidentes. A maior evidência de que se estudava insuficientemente era o grande número de pijamas armados como tendas no deserto ou até mesmo lambuzados graças à insistência com que o amor forçava passagem. Apesar de menos tranqüilo, o horário de trabalho obrigatório, após o almoço, proporcionava ocasião para certos amores mais difíceis, porque aí se permitia o contacto entre Maiores e Menores. Era comum, portanto, haver pares díspares em tamanho e idade. As mesmas disparidades ocorriam quando os seminaristas rezavam o terço, andando pelo campo de futebol, no final do recreio obrigatório da noite. Aí os namoradinhos (que não ousavam se chamar assim) aproveitavam também a provisória permissão de se juntarem Maiores e Menores e iam rezar o terço aos pares e não em grupos (TREVISAN, 1985, p. 55-56).

Nesse trecho do romance, fica evidente algumas das formas através das quais os seminaristas transgrediam as regras de castidade do dispositivo sobre a sexualidade, exercido pela pastoral cristã dentro do Seminário. Entretanto, essa transgressão disci-

plinar era apenas relativa, pois os seminaristas frequentemente eram obrigados a se confessar aos padres superiores ou poderiam ser panópticamente flagrados, sendo advertidos, punidos ou até mesmo expulsos do Seminário.

Após se relacionar sexualmente com Abel, numa comunhão e “eucaristia” sexual, afetiva e “espiritual”, “até a última gota de sangue” (TREVISAN, 1985, p. 172), Tiquinho, enlaçado pelo discurso moralista e das injúrias, pelo dispositivo penitencial, pela culpa, pela abjeção de si próprio, acaba afastando-se de Abel, o que culmina no término da “amizade particular” deles, com a expulsão de Abel e a saída de Tiquinho do Seminário. Nota-se aí o quanto os discursos, os dispositivos, as injúrias e as relações de poder estruturam e moldam forte e constitutivamente as relações interpessoais e, no caso analisado, as relações homosociais masculinas no Seminário de *Em nome do desejo*. Segundo Didier Eribon (2008, p. 86), tais mecanismos de adestramento visam atingir

o mais profundo do ser, o que toda a tradição espiritualista chamou de “alma”. [...] Como diz Foucault, a “alma” é a “prisão do corpo” e não basta dissimular os gestos do corpo aos olhares inquisidores da sociedade homófoba para que a alma escape à sujeição, já que ela não é apenas o objeto, o alvo, dos mecanismos de adestramento, mas também, e primeiramente, o efeito deles. Continua sendo, portanto, o instrumento deles.

Por isso, muitos anos após ter deixado o Seminário, que se tornou um orfanato, João retorna a esse mesmo lugar, em busca de seu verdadeiro “Tiquinho”, tentando superar uma teia complexa de mecanismos de adestramento sob os quais ele acabou se submetendo ao longo de sua vida. João, em nome do desejo, procura reencontrar, desvendar, escavar, rememorar, reconstituir e reconstruir sua autenticidade identitária, sua subjetividade gay, “perdida”, “soterrada”, há muitos anos entre os muros do Seminário.

Considerações finais

No romance *Em nome do desejo*, os desejos e as relações homosociais e homoeróticas masculinas entre os personagens são profundamente moldadas e estruturadas pelo disciplinamento dos corpos, por diversos dispositivos, pelo discurso moralista da pastoral cristã e por relações de poder. São evidenciadas macrorrelações de poder dos padres superiores sobre os seminaristas, uma vez que esses padres detinham, institucionalmente, o poder de examinar os corpos e as “almas” dos seminaristas através do mecanismo da confissão compulsória; além disso, os padres eram os responsáveis por certificar o cumprimento das normas disciplinares do Regulamento, sempre vigiando, panópticamente, o comportamento dos alunos e punindo os desvios disciplinares. Mas também são evidenciadas, dentro do Seminário, microrrelações de poder, através de injúrias verbais, físicas e/ou simbólicas, dos seminaristas que correspondiam às normatizações performáticas de “masculinidade” sobre aqueles seminaristas que não se adequavam a elas.

Assim sendo, pode-se concluir que o disciplinamento dos seminaristas, a docilização dos corpos, ocorre através de diversos mecanismos de adestramento exercidos nas relações homosociais masculinas de poder dentro do Seminário. Além disso, por moldar, estruturar e interferir constantemente nos desejos e nas relações homoeróticas estabelecidas dentro dessa instituição, o disciplinamento dos corpos é um governo dos homens, através de pedagogias da sexualidade (LOURO, 2010). Na *História da sexualidade 1*, Michel Foucault (2015) evidencia essa profunda relação entre poder, saber e prazer, na qual as relações de poder implicam também relações de saberes, inclusive de saberes e pedagogias sobre os prazeres, sobre a sexualidade, uma vez que, para de fato tornar os indivíduos dóceis às relações de poder, é preciso (tentar) disciplinar até mesmo os seus mais profundos desejos.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'", in: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, pp. 151-172.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia do Freud, 2008.

FALCÃO, Maria de Fátima Lopes Viera; CAMARGO, Flávio Pereira. "O caminho das pedras do personagem Tiquinho, na obra *Em nome do desejo*", in: *I Simpósio de Linguística, Literatura e do Ensino de Tocantins*, 2013, Araguaína. *Anais...* Araguaína: UFT, 2013, pp. 402-415. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/SILLETO/anais/Maria%20de%20F%C3%A1tima%20Lopes%20Viera%20Falc%C3%A3o%20e%20Fl%C3%A1vio%20Pereira%20Camargo.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. "Da amizade como modo de vida", *Jornal Gai Pied*, n. 25, abr. 1981, p. 38-39. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. Vol. 1: a vontade de saber*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. Vol. 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

LOURO, Guacira Lopes. "Pedagogias da sexualidade", in: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, pp. 7-34.

MENDES, Cláudio Lúcio. "O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo", *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17993/16941>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1985.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A epistemologia do armário", *Cadernos pagu*, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

Artigo recebido em 07/04/2016; aprovado para publicação em 07/07/2016

RESUMO: Na obra literária *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan (1985), o personagem João rememora o período da juventude em que viveu num Seminário católico, onde era mais conhecido pelos outros seminaristas como Tiquinho. Nessa instituição, Tiquinho vivenciou profundos e marcantes desejos e experiências homoeróticas, mas também vivenciou a rígida e vigilante disciplina do Regulamento do Seminário e dos discursos doutrinários da pastoral cristã, e era injuriado verbal, física e simbolicamente por ser considerado um "mariquinha" e um "fresco". A partir disso, este artigo, embasado teoricamente em Michel Foucault (1981, 1996, 2014, 2015), Didier Eribon (2008), Georges Bataille (2014), Eve Kosofsky Sedgwick (1985, 2007) e outros autores, objetiva analisar como os dispositivos, os discursos, o disciplinamento dos corpos e as relações de poder estruturam e moldam os desejos e as relações homosociais e homoeróticas masculinas entre os personagens desse romance.

PALAVRAS-CHAVE: homoerotismo masculino; Michel Foucault; relações de poder; disciplinamento dos corpos; João Silvério Trevisan.

ABSTRACT: In the literary work *Em nome do desejo*, by João Silvério Trevisan (1985), the character João recalls a period of his youth in which he lived in a Catholic seminary, where he was best known by the other seminarians as Tiquinho. In that place, Tiquinho experienced deep and striking desires and homoerotic experiences, but he also experienced the strict and vigilant dis-

cipline of rules and regulations of the seminary and doctrinal discourses of the Christian ministry, and he was verbally, physically and symbolically insulted for being considered a “sissy” and a “fussy” person. Considering this, the present paper, theoretically grounded in Michel Foucault (1981, 1996, 2014, 2015), Didier Eribon (2008), Georges Bataille (2014), Eve Kosofsky Sedgwick (1985, 2007) and other authors, aims to analyze how mechanisms, apparatuses, discourses, body disciplining and relations of power structure and shape male homosocial and homoerotic desires and relationships among the characters of this novel.

KEYWORDS: male homoeroticism; Michel Foucault; relations of power; body disciplining; João Silvério Trevisan.